

SIMPLESMENTE BOAS-NOVAS!

Peter Jeffery

*“Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho,
de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.”*

Romanos 1.17

Se você perguntasse a um habitante de um país em guerra: “Qual é a sua maior necessidade?”, ele responderia: “O fim da guerra, de todo o derramamento de sangue e de toda esta matança”.

Se você fizesse esta mesma pergunta ao morador de um país em fome, ele responderia: “Comida, nossas crianças estão sentindo muita fome, e nosso povo está morrendo”.

Se você fizesse esta mesma pergunta a milhões de pessoas em um país onde há falta de emprego, qual seria a resposta: “Precisamos da dignidade de sair de casa e ganhar nosso pão de cada dia”.

E se fizesse a pergunta a alguém que se encontra na cama de um hospital, sofrendo de uma enfermidade terminal, é claro que essa pessoa responderia: “Eu quero a restauração de minha saúde”.

A GRANDE NECESSIDADE

Você pode compreender todas

essas respostas. Mas todas elas foram ditadas pelas circunstâncias. Existe uma necessidade que ultrapassa todas estas, uma necessidade que supera todos os dilemas dos homens, quer eles vivam na África, na Ásia ou na Europa.

A grande necessidade do homem sempre tem sido, e sempre será, o tornar-se aceitável a Deus. Deus é o fator comum na vida de todos os homens, não importando qual seja o nosso país ou as nossas circunstâncias.

Todos os homens e mulheres foram criados por Deus e para Deus e, por isso, têm de prestar contas a Ele. Portanto, quando a guerra acabar em um país, o seu povo ainda precisará do Senhor Jesus Cristo, porque ainda são pecadores que estão sob o julgamento e a ira de Deus. Quando for satisfeita toda a fome de um povo, em determinado país, eles ainda precisarão do evangelho do Senhor Jesus Cristo. Quando não houver mais qualquer desempregado, em algum lugar, os homens ainda necessitarão

do Senhor Jesus — este é o fator comum.

O problema para nós é este: Deus é santo e justo. Não existe nEle nenhum pecado, nenhuma falta, nenhuma culpa. Deus não tolera o pecado, e nós (você e eu) somos pecadores.

O homem, assim como ele é, não pode ser aceito por Deus. O homem não satisfaz as exigências de Deus, nem atinge os padrões divinos. Em muitas igrejas, eu creio, há pessoas imaginando que podem satisfazer os padrões de Deus. Mas a verdade é: toda a justiça dos homens assemelha-se a um monte de trapos imundos, aos olhos de Deus (Is 64.6).

Permita-me ilustrar isso da seguinte maneira: imagine que um homem está limpando o seu carro, não o exterior, e sim o interior. Ele está limpando o motor. Em suas mãos, ele tem um trapo sujo. Ele está removendo o óleo que caiu sobre o motor, e o trapo está se tornando cada vez mais sujo. Então, a sua esposa o chama, porque sua filhinha, que está em casa, ficou doente. O homem entra com o trapo imundo em suas mãos e tem de limpar com ele o vômito da filhinha. Imagine o estado em que ficará este trapo?

TRAPO DE IMUNDÍCIE

Depois, o esposo vem para a sala de visitas e coloca o trapo sobre a mesa de café! Você já sabe o que a esposa dirá, não sabe? “Tire da minha casa esse trapo de imundície. Eu não o quero em minha casa!” Isso é exatamente o que Deus diz, quando você Lhe traz as suas justças: “Tire da minha casa esse trapo de imundí-

cie”. Se você se sente revoltado com o pensamento deste trapo sujo de óleo e de vômito, essa é a maneira como Deus vê a sua *justiça*; não é a maneira como Ele vê o seu pecado, e sim como Ele vê a sua bondade, na qual você se deleita e se gloria.

E o fato terrível é afirmado em Romanos 3.10, onde o apóstolo Paulo declarou: “*Não há justo, nem um sequer*” — em todo este mundo.

Ora, sendo esse o fato, a maior necessidade do homem é ser capaz de satisfazer o padrão de Deus e tornar-se aceitável a Ele.

DEUS CLAMA

De acordo com Romanos 1.17, as boas-novas de Deus nos revelam a própria justiça que necessitamos desesperadamente — “A justiça de Deus se revela no evangelho”. A justiça de Deus é *revelada*. O evangelho não é constituído de idéias de homens a respeito do que o cristianismo deveria ser, nem o resultado de séculos de esforço do homem buscando a Deus. O evangelho é uma mensagem vinda do céu. Deus afirma: “Eis a resposta para a sua falta de justiça, para o seu pecado, para a sua depravação e para a sua alienação”. Deus está clamando dos céus: “Eis a resposta”.

As Nações Unidas, os conselhos das igrejas e todos os esforços sociais dos homens não poderiam nos providenciar esta resposta. Mas Deus a está anunciando.

A palavra “justiça”, neste versículo, não está descrevendo algo a respeito de Deus, tal como a sua santidade ou pureza. Ela realmente

significa uma justiça que vem *de* Deus e que Ele nos *dá*. O versículo não está dizendo: “Esta é a justiça de Deus, contemplem-na e admirem-na”, e sim: “Eis a justiça que Deus nos outorga”.

O DOM GRATUITO

Esta é a razão por que o evangelho é boas-novas. Ele não nos diz o que *nós* temos de alcançar, e sim o que já foi conseguido por *nós* e o que temos de receber como um dom gratuito.

Se você contasse às pessoas de seu país que ir à Califórnia é o único meio de ter o céu garantido, muitos não o conseguiriam, pois estaria além de suas capacidades. O evangelho, porém, não nos fala a respeito do que temos de conseguir; ele nos fala sobre o que Deus nos dá como um dom gratuito, um dom oferecido a todos os homens.

Lembre-se de que o evangelho foi idealizado por Deus, foi produzido por Ele. O propósito do evangelho é satisfazer as exigências de Deus e o seu empreendimento é a nossa salvação. Mas esta é uma verdade-chave: a nossa salvação somente pode ser realizada, se as exigências de Deus forem satisfeitas.

AS EXIGÊNCIAS DE DEUS

Quais são as exigências de Deus? Ele exige de você uma justiça tão boa quanto a dEle mesmo. Deus não tem dois padrões diferentes. Ele tem apenas um. Deus exige de mim e de você uma justiça semelhante à dEle mesmo.

Você argumentará que isto é iló-

gico? Não, não é, visto que Deus criou o homem sem pecado, à sua própria imagem. Deus quer que sejamos conforme Ele nos criou. Isto não é ilógico. Mas é impossível. Você pode seguir a lógica desta verdade? Ela não é ilógica, porém é impossível. É impossível porque nosso pecado a torna impossível.

Em que situação isto nos deixa? Isto nos deixa incapazes de salvar a nós mesmos, necessitados de alguém para nos salvar. Aquele que nos salvará tem de providenciar para nós uma justiça tão boa quanto a justiça de Deus.

No entanto, não existe entre os homens tal justiça. A única maneira possível de sermos salvos, a única maneira possível de nos tornarmos aceitáveis a Deus é possuímos a justiça dEle mesmo.

Mas já dissemos que isto é impossível! Não, o evangelho torna isto possível; e esta é a sua glória. O evangelho torna possível para você (não importando o que você é, nem o que você faz, nem qual foi a sua vida no passado) o ter uma justiça — não uma justiça tão boa quanto a de Deus — a própria justiça de Deus. Isto é o que o evangelho nos oferece, nada menos. Deus providencia a própria justiça que Ele exige de você, que diz: “Eu não posso”. Mas Deus declara: “Não se preocupe; Eu já o fiz”.

VENHA A JESUS

Então, como podemos obter esta justiça? Receba-a de Jesus.

Através do evangelho, você pode se voltar para Jesus; e, quanto

mais rápido você vier a Jesus, tanto melhor isto lhe será. Não apresente desculpas para não se voltar a Jesus, nunca retroceda ante a exclusividade e a singularidade do Senhor Jesus Cristo. Ele não é um profeta semelhante a Maomé.

Jesus é Deus, que se tornou homem, o Filho de Deus — igual ao Pai em glória, majestade, justiça e santidade. Ele veio a este mundo para satisfazer as exigências de Deus em nosso lugar. Jesus veio para satisfazer, por você, aquelas razoáveis e impossíveis exigências.

A Bíblia nos diz que o Senhor Jesus se colocou sob a Lei de Deus, prestando-lhe perfeita obediência. Nos evangelhos, encontramos uma admirável declaração feita por Jesus, na noite que antecedeu o Calvário: “Aí vem o príncipe deste mundo, e ele nada tem em mim” (Jo 14.30). Adore a Deus, Jesus não tinha pecado.

O diabo tem muitas razões para acusar você. Ele poderia escrever um livro a respeito de mim ou de você, mas nada tem em Jesus. Não havia qualquer mácula nEle, nada em seu caráter que o diabo pudesse apontar e dizer: “Este Jesus é um pecador”. O Senhor Jesus é o imaculado, impecável e santo Cordeiro de Deus. E, porque nEle não há pecado, Deus foi capaz de colocar sobre Jesus o pecado de todos nós. Ele levou sobre Si a nossa culpa, recebeu a nossa

punição na cruz do Calvário.

Existem somente dois lugares onde Deus lida com o nosso pecado. Um destes lugares é o inferno; o outro é o Calvário. Você terá o problema de seu pecado resolvido na cruz do Calvário, onde existe perdão, ou no inferno, onde o seu pecado receberá eternamente o juízo e a ira de um Deus santo?

— ■ —
*Existem somente dois
 lugares onde Deus lida
 com o nosso pecado. Um
 destes lugares é o inferno;
 o outro é o Calvário.*
 — ■ —

Deus exigia que seu pecado fosse punido. Jesus, porém, levou sobre Si a nossa culpa e nossa punição, pagando-a completamente. Na-

da foi deixado sem pagamento. Não existe mais nada que a Lei possa exigir.

Jesus satisfez toda a Lei na cruz do Calvário, e, por causa disso, Deus cancela nossa dívida. Ele tem de cancelar tal dívida, porque ela já foi totalmente paga. Em seguida, Ele *imputa* sobre nós ou nos credita a própria justiça de Cristo.

A GRANDE LISTA

Deixe-me apresentar uma ilustração. Este assunto é como se existisse no céu uma grande lista com o seu nome no topo. É uma conta imensa; e, em cada vez que você peca, esse pecado é acrescentado àquela lista — ira, orgulho, inveja, adultério, roubo, cobiça; a lista é enorme. A única diferença entre um pecador de 70 anos de idade e um de 17 anos é que o idoso tem mais pe-

cados pelos quais tem de prestar contas. Imagine 70 anos de pecado!

No entanto, Deus na graça do evangelho, apaga completamente essa lista. Ele declara que não existe nada pelo que você tem de pagar, porque todos aqueles pecados foram colocados sobre Jesus, no Calvário. A conta ainda está lá, no céu; seu nome está sobre ela, mas ela está vazia.

Entretanto, Deus não a deixa vazia. Ele acrescenta naquela conta a justiça do Senhor Jesus. Assim, ao invés de ira, pecado, inveja, amarguras e mentiras, Deus escreve agora na lista a justiça de Jesus — pureza, amor, paciência, bondade — creditando para você a própria beleza do Senhor Jesus Cristo.

Isto é maravilhoso: estar vestido de uma beleza que não resulta de mim mesmo. É a beleza de Jesus que nos cobre como um manto de justiça e uma vestimenta de salvação — “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho” (Rm 1.17). A justiça de Deus é revelada para nós.

PELA FÉ

A justiça que vem de Deus se realiza pela fé. Nosso texto bíblico diz: “De fé em fé” (Rm 1.17). Deixe-me esclarecer isto. A fé não nos salva. É a justiça de Cristo que nos salva, mas obtemos esta justiça pela fé, ou seja, a fé é o instrumento pelo qual recebemos a justiça de Deus.

Pergunto a mim mesmo: quantas pessoas estão no inferno, depois de haverem passado mais de vinte anos freqüentando uma igreja? Talvez você diga: “Deus, eu fiz isto e aqui-

lo; fui bonzinho para o meu próximo, cuidando dele, quando estava doente”. Louve a Deus por isso, mas isso não o salvará. Você pode continuar apresentando os seus muitos trapos de imundície na presença de Deus e perguntar: “Deus, estas coisas não são maravilhosas?”

A fé é o oposto disso. A fé des-cansa na justiça de Cristo. Ela viu a sua justiça própria como um monte de lixo. A fé não contempla outra coisa, exceto Jesus. Mas, que maravilhosa contemplação de Jesus — levando o meu pecado e minha culpa, bem como suportando toda a ira de Deus, em meu lugar! A fé se deleita em Jesus, ama-O e confia nEle.

DOIS MONTES

Existiu um pregador escocês, David Dickson, no século XIX, que disse: “Tomei todos os meus atos maus e fiz deles um monte; peguei todos os meus bons atos e fiz deles outro monte. Afastei-me tanto de um deles quanto do outro e corri para Jesus”. Isto é o que significa a fé.

Quando nos achegamos a Deus desta maneira, Ele nos outorga a justiça de Cristo; e, quando somos vestidos com esta justiça, tornamos aceitáveis a Deus. Você pode ver a maravilha que existe nisto? Podemos nos dirigir ao homem mais vil deste mundo, ao pior assassino, ao mais terrível traficante de drogas e dizer-lhe: “Em Cristo existe salvação para você, porque não depende do que você é ou do que você tem feito. Você pode receber a justiça de Cristo pela fé”.

UMA ADVERTÊNCIA AOS CRENTES PROFESSOS

Gary Hendrix

*“E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta
esperança, assim como ele é puro.”*

1 João 3.3

Os métodos de evangelismo utilizados pelo cristianismo evangélico, nos últimos cento e cinquenta anos, causaram o surgimento do artifício de equiparar a salvação com uma simples confissão de fé em Cristo. Muitas pessoas nunca duvidam da eterna salvação de sua alma, porque seguiram os procedimentos recomendados pelo pastor ou pelo folheto de evangelização. Elas aprenderam que duvidar de sua própria salvação é duvidar de Deus. Elas seguiram fielmente os passos 1, 2, 3 e 4 que supostamente levam à salvação. Portanto, visto que elas seguiram o plano, admitem para si mesmas que possuem a vida eterna. Todavia, eu encorajo todos aqueles que professam fé em Cristo a procurarem, “com diligência cada vez maior, confir-

mar” a sua “vocação e eleição” (2 Pe 1.10).

As Escrituras nos fornecem muitos motivos para pensarmos que, no Dia do Juízo, haverá multidões de crentes professos lançados no inferno (At 8.5-24; Gl 4.19, 20; Hb 6.1-6; 10.23-31; 2 Pe 2; Jd 4). A advertência mais profunda dirigida a crentes professos foi pronunciada pelo Senhor Jesus e registrada em Mateus 7.21-23. Ele declarou inequivocamente que, naquele Dia, muitos farão um confissão, chamando-O de “Senhor” e se referirão a certas realizações espirituais, na tentativa de consolidar o seu direito à salvação. No entanto, por sua vez, o Senhor Jesus decretará a condenação de tais pessoas! Isso deveria estimular cada pessoa que professa ser crente

em Cristo! Por que essa tragédia ocorrerá? A resposta está no versículo 21, e a conclusão no versículo 23: elas não fazem a vontade de Deus e, ao invés disso, “praticam a iniquidade”. Esta expressão significa agir de modo contrário à lei de Deus, sugerindo que a pessoa vive em total desrespeito à santa lei de Deus.

O quadro retrata apenas isto: muitos dos que se acham seguros de seu relacionamento com Cristo, fazendo esta confissão com toda a ousadia, passarão a eternidade sob a ira de Deus. TUDO que eles possuem é uma confissão. As práticas de sua vida diária constituem uma contradição à verdadeira piedade. Eles transformam a graça de Deus em licenciosidade, por tornarem o seu refrão “uma vez salvo, sempre salvo” em um motivo para pecarem. Existem milhares de crentes professos que admitem prontamente que são “desviados” e se recusam a considerar a possibilidade de que nunca receberam a graça de Deus que traz salvação. Querido leitor, proponho que é conveniente para todos aqueles que chamam Cristo de Senhor examinarem cuidadosamente a si mesmos, a fim de verificarem se realmente estão na fé. (Por favor, leia com atenção 1 João 3, especialmente os versículos 1 a 10; depois leia novamente este artigo.)

EVIDÊNCIAS DA GRAÇA SALVADORA

O Novo Testamento contém muitas passagens que devem ser consideradas pelos que professam ser crentes em Jesus, ao examinarem a si mesmos. No entanto, por uma

questão de consciência, agora recorreremos apenas a uma destas passagens.

1 Jo 3.1-10 nos fornece a mais enfática afirmação referente ao verdadeiro caráter do crente, encontrado nas Escrituras Sagradas. O principal argumento do apóstolo João é apresentado nesta proposição simples: *o filho de Deus se esforçará para seguir a santidade e, na verdade, manterá um padrão de retidão.*

Este argumento se fundamenta em três verdades desenvolvidas no capítulo 3. Primeiramente, João se referiu à ardente expectativa do retorno de Cristo por parte do crente. O apóstolo João se reportou ao nosso relacionamento com Deus, no homem interior. O mundo não nos conhece (ou seja, ele não reconhece nossa verdadeira identidade como filhos de Deus), porque a nossa semelhança com Deus é espiritual e não física. Apesar disso, João sugeriu que nossa aparência presente não é, de maneira alguma, permanente. Cristo retornará, e, quando isto acontecer, seremos semelhantes a Ele, conformados à sua perfeição, tanto em nosso exterior como em nosso íntimo. Todo verdadeiro crente tem esta esperança e anela ser aperfeiçoado, embora saiba que isto não acontecerá antes da vinda de Cristo. Por conseguinte, foi esta verdade da graça que levou o apóstolo João a declarar, com toda a confiança: “E a si mesmo *se purifica* todo o que nele tem esta esperança, assim como *ele é puro*”.

Todos os que professam ter vida espiritual estão ansiosos pelo retorno de Cristo, a fim de que eles obtenham a perfeição. Mas, até que

isso aconteça, o povo de Deus — cada um deles — se esforça para se purificar de tudo aquilo que é contrário à santidade. A complacência espiritual é estranha para o filho de Deus. Ele tem fome pela retidão em seu viver, e, até que Jesus volte, o filho de Deus vigiará contra o surgimento de paixões dormentes e contra todo pensamento que exalta a si mesmo, em detrimento de Deus.

Em segundo, todo verdadeiro crente praticará a retidão como um resultado direto da obra de Cristo na cruz. João nos recorda que o Filho de Deus se manifestou para “tirar” nossos pecados. A palavra traduzida por “tirar” significa “carregar”, sendo uma referência direta à morte vicária do Senhor Jesus em favor de seu povo. Romanos 6 nos ensina que Deus enviou Cristo não somente para

remover ou carregar sobre Si a penalidade do pecado, mas também para destruir a força de nossa natureza pecaminosa — “Foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que... não sirvamos o pecado” (Rm 6.6). Conseqüentemente, o verdadeiro crente não pode mais viver novamente sob o domínio do pecado! Ele pode cair como vítima de uma tentação; porém, nunca mais ele estará sob a tirania da natureza adâmica (cf. 2 Co 5.17). A morte de Cristo garantiu que, na conversão, o crente tem um novo Senhor e não pode mais ser escravizado pelo pecado, ainda que ele não alcançará a perfeição deste lado

da eternidade. A santificação, e não a perfeição, é a experiência de vida de todo crente!

Por fim, concluímos nosso artigo com as irrefutáveis afirmativas de João nos versículos 7 a 10. O versículo sete é uma nítida advertência contra uma segurança de salvação produzida pelo homem. “Ninguém vos engane” deve ser um aviso não somente para aqueles que confessam a salvação, mas também para os pastores que praticam o deplorável hábito de dizer aos interessados que eles já estão salvos. A segurança de salvação é um assunto de competência exclusiva do Espírito

de Deus! Em seguida, temos o primeiro teste para julgar toda confissão de fé: “Aquele que pratica a justiça é justo”. Uma posição de justificado diante de Deus (a justificação) é sempre

demonstrada por meio da prática da justiça. A justiça é a simples obediência à lei de Deus e aos mandamentos de Cristo. Aqueles que são antinomianos em seu viver (estão proferindo desdém e um negligente desrespeito para com a Lei de Deus) encontram-se em uma posição extremamente precária diante do Santo Juiz do universo. Embora as boas obras não possam trazer-nos a justificação, elas sempre resultam do novo nascimento e da justificação (ver Ef 2.10).

O apóstolo João afirmou dogmaticamente que todos aqueles que pecam pertencem a Satanás. A pa-

—■—
*A santificação, e não
 a perfeição, é a experiência de vida de
 todo crente!*
 —■—

lavra traduzida pela forma do verbo “praticar” significa realmente “fazer” ou “praticar”. Nesta passagem, o apóstolo estava se referindo à maneira habitual de viver de um homem. Assim, o propósito da vinda de Cristo foi destruir as obras de Satanás, ou seja, a injustiça. Nosso Senhor veio ao mundo para remover o pecado. Por essa razão única, a prática da justiça, a obediência à Lei de Deus e a ausência de pecado habitual têm de ser essenciais à qualquer segurança de salvação.

No entanto, o clímax de nosso argumento está no versículo 9. João ressaltou o novo nascimento, ao dizer: “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado”. Depois, o apóstolo ofereceu a seguinte explicação: a semente de Cristo (a vida de Deus) habita em toda pessoa nascida de novo; e isto torna *impossível a busca* do pecado, visto que o pecado é a própria antítese de Deus. Uma pessoa que confessa crer em Cristo e permanece na prática da satisfação carnal e da impiedade é a epitome da contradição e, além disso, *revela engano espiritual*. A verdadeira fé tem de produzir boas obras (Tg 2).

O apóstolo João concluiu declarando que a santidade é a manifestação da verdadeira salvação — “Aquele que não pratica justiça não procede de Deus”. Isto significa que, se uma pessoa continua no pecado, embora professe crer em Cristo como seu Salvador, ela ainda não nasceu na família de Deus. Esta é a mais clara descrição de um verdadeiro cristão encontrada nas Escrituras. Portanto, todo aquele que

confessa ser crente tem de examinar-se a si mesmo por meio desta descrição!

APLICAÇÃO

Aqueles que leram este artigo até aqui perceberam a inflexível exigência de santidade da parte de todos aqueles que professam ser filhos de Deus. Ora, eu tenho de perguntar: como você está vendo a si mesmo, à luz de 1 João 3? Lembre-se: as exigências de Deus não se curvam diante de ninguém! Sem santidade, ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Querido leitor, seu coração suspira por santidade ou você tolera confortavelmente o seu pecado? Você está contente com a sua franca desobediência ou lamenta cada paixão que luta contra o Espírito Santo? Ninguém pode lhe dar a segurança de salvação e será melhor que você não confie em qualquer outra coisa, exceto no testemunho inegável do Espírito em seu coração — um testemunho que sente fome por retidão e odeia até a roupa contaminada pela carne. Oh! Não deixe de examinar a si mesmo; ao invés disso, suplique a Deus que revele o verdadeiro estado de sua alma!

“Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo.”

(Hebreus 3.12)

* * * * *

A MALIGNIDADE DO PECADO

John Flavel

(1671)

Se a morte de Cristo foi aquilo que satisfez a Deus em favor de nossos pecados, existe uma infinita malignidade no pecado, visto que ele não pôde ser expiado de outro modo, senão por meio de uma satisfação infinita. Os tolos zombam do pecado, e existem poucas pessoas no mundo que se mostram verdadeiramente sensíveis a respeito de sua malignidade. No entanto, é certo que, se Deus exigisse de você a penalidade completa, os sofrimentos eternos não seriam capazes de expiar a malignidade que se encontra em um só pensamento pecaminoso. Talvez você pense que é muito severo o fato de que Deus sujeitaria as suas criaturas aos sofrimentos eternos por causa do pecado e nunca mais ficaria satisfeito com elas.

Quando, porém, você considerar bem a verdade de que o Ser contra o qual você peca é o Deus infinitamente bendito e meditar em como Ele agiu em relação aos anjos que caíram, você mudará de idéia. Oh! Que malignidade profunda existe no pecado! Se você deseja entender quão grave e horrível é o pecado, avalie seus próprios pensamentos, quer à luz da infinita santidade e excelência de Deus, que é ofendido pelo pecado; quer à luz dos sofrimentos de Cristo, que morreu para oferecer satisfação pelo pecado. Então, você obterá compreensões profundas a respeito da gravidade do pecado.

Se a morte de Cristo satisfez a Deus e, conseqüentemente, nos redimiu da maldição do pecado, a redenção de nossa alma é caríssima. As almas são preciosas e muito valiosas diante de Deus. “Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1 Pe 1.18-19). Somente o sangue de Deus é um equivalente para a redenção de nossa alma. Ouro e prata podem redimir-nos da servidão humana, mas não podem livrar-nos da prisão do inferno. Toda a criação não vale a redenção de uma única alma. As almas são muito preciosas; Aquele que pagou o preço da redenção delas pensou nisso. Mas os pecadores vendem por um valor muito baixo as suas próprias almas. Se a morte de Cristo satisfez a Deus no que diz respeito aos nossos pecados, quão incomparável é o amor de Deus para com pobres pecadores! Se Cristo, por meio de sua morte, consumou uma plena satisfação pelo pecado, Deus pode perdoar com segurança o maior dos pecadores que crer em Jesus.

SUPONHA QUE UM ÍMPIO VÁ PARA O CÉU...

J. C. Ryle

Por um momento, suponha que você, destituído de santidade, tivesse a permissão de entrar no céu. O que você faria ali? Que possíveis alegrias sentiria no céu? A qual de todos os santos você se achegaria e ao lado de quem se assentaria? O prazer deles não é o seu prazer; os gostos deles não são os seus; o caráter deles não é o seu caráter. Como você poderia sentir-se feliz ali, se não havia sido santo na terra?

Talvez agora você aprecie muito a companhia dos levianos e descuidados, dos homens de mentalidade mundana, dos avarentos, dos devassos, dos que buscam prazeres, dos ímpios e dos profanos. Nenhum deles estará no céu.

Provavelmente, você ache que os santos de Deus são muito restritos, sérios e individualistas; e prefere evitá-los. Você não encontra nenhum prazer na companhia deles. Mas não

haverá no céu qualquer outra companhia.

Talvez você ache que orar, ler a Bíblia e cantar hinos são realizações monótonas e estúpidas, coisas que devem ser toleradas aqui e agora, mas não desfrutadas. Você reputa o dia de descanso como um fardo, uma fadiga; provavelmente, você não gasta mais do que um pequeníssima parte deste dia na adoração a Deus. Lembre-se, porém, de que o céu é um dia de descanso interminável. Os habitantes do céu não descansam, noite e dia, clamando: “Santo, santo, santo é o Senhor, Deus todo-poderoso” e cantam todo o tempo louvores ao Cordeiro. Como poderia um ímpio encontrar prazer em uma ocupação como esta?

Você acha que um ímpio sentiria deleite em encontrar-se com Davi, Paulo e João, depois de ter gasto a sua vida na prática daquelas coisas

que eles condenaram? O ímpio pediria bons conselhos a estes homens e acharia que tem muitas coisas em comum com eles? Acima de tudo, você acha que um ímpio se regozijaria em ver Jesus, o Crucificado, face a face, depois de viver preso nos pecados pelos quais Ele morreu, depois de amar os inimigos de Jesus e desprezar os seus amigos? Um ímpio permaneceria confiantemente diante de Jesus e se uniria ao clamor: “Este é o nosso Deus, em quem esperávamos... na sua salvação exultaremos e nos alegraremos” (Is 25.9)? Ao invés disso, você não acha que a língua de um ímpio se prenderia ao céu de sua boca, sentindo vergonha, e que seu único desejo seria o ser expulso dali? Ele haveria de sentir-se estranho em um lugar que ele não conhecia, seria uma ovelha negra entre o rebanho santo de Jesus. A voz

dos que-
rubins e
dos sera-
fins, o
canto dos
anjos e
dos ar-
canjos e a

voz de todos os habitantes do céu seria uma linguagem que o ímpio não entenderia. O próprio ar do céu seria um ar que o ímpio não poderia respirar.

Eu não sei o que os outros pensam, mas parece claro, para mim, que o céu seria um lugar miserável para um homem destituído de santidade. Não pode ser de outra maneira. As pessoas podem dizer, de maneira incerta, que “esperam ir para o céu”, mas elas não meditam no que real-

mente estão dizendo. Temos de ser pessoas que possuem uma mentalidade celestial e têm gostos celestiais, na vida presente; pois, do contrário, jamais nos encontraremos no céu, na vida por vir.

Agora, antes de prosseguir, permita-me falar-lhe algumas palavras de aplicação. Pergunto a cada pessoa que está lendo este artigo: você já é uma pessoa santa? Eu lhe suplico que preste atenção a esta pergunta. Você sabe alguma coisa a respeito da santidade sobre a qual lhe estou falando? Não estou perguntando se você costuma ir regularmente a uma igreja, ou se você já foi batizado, ou se você recebe a Ceia do Senhor, ou se tem o nome de cristão. Estou perguntando algo muito mais significativo do que tudo isso: “Você é santo ou não?”

Não estou perguntando se você

aprova a
santidade
nos ou-
tros, se
você gos-
ta de ler
sobre a
vida de

— ■ —
*Poucos serão salvos, porque
poucos se dedicarão ao trabalho
de buscar a salvação.*
— ■ —

pessoas santas, de conversar sobre coisas santas, de ter livros santos em sua mesa, se você sabe o que significa ser santo ou se espera ser santo algum dia. Estou perguntando algo mais elevado: “Você mesmo é um santo ou não?”

E por que eu lhe pergunto com tanta seriedade, insistindo com tanto vigor? Faço isto porque a Bíblia diz: “Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”. Está escrito, não é minha imaginação; está

escrito, não é minha opinião pessoal; é a Palavra de Deus, e não a do homem: “Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Que palavras perscrutadoras e separadoras são estas! Que pensamentos surgem em meu coração, enquanto as escrevo! Olho para o mundo e vejo a maior parte das pessoas vivendo na impiedade. Olho para os cristãos professores e percebo que a maioria deles não têm nada do cristianismo, exceto o nome. Volto-me para a Bíblia e ouço o Espírito Santo: “Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Com certeza, este é um versículo que tem de fazer-nos considerar nossos próprios caminhos e sondar nossos corações; tem de suscitar em nosso íntimo pensamentos solenes e levar-nos à oração.

Você pode menosprezar estas minhas palavras, dizendo que tem muitos sentimentos e pensamentos sobre estas coisas, mais do que muitos podem imaginar. Entretanto, eu lhe respondo: “Isto não é mais importante. As pobres almas no inferno fazem muito mais do que isto. O mais importante não é o que você *sente* e *pensa*, e sim o que você *faz*”.

Você pode argumentar: “Deus nunca tencionou que todos os cristãos fossem santos e que a santidade,

conforme a descrevemos, é apenas para os grandes santos e para pessoas de dons incomuns”. Eu respondo: “Não posso encontrar este argumento nas Escrituras; e leio que ‘a si mesmo se purifica todo o que nele [em Cristo] tem esta esperança’” (1 Jo 3.3). “Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

Você pode argumentar que é impossível ser santo e, ao mesmo tempo, cumprir todos os nossos deveres nesta vida: “Isto não pode ser feito”. Eu respondo: “Você está enganado”. Isto pode ser feito. Tendo Cristo ao nosso lado, nada é impossível.

Outros já fizeram isto. Davi, Obadias, Daniel e os servos da casa de Nero, todos estes são exemplos que comprovam isto.

Você pode argumentar: “Se nos tornássemos santos, seríamos diferentes das outras pessoas”. Eu respondo: “Sei muito bem disso. Mas é exatamente isso que você deve ser. Os verdadeiros servos de Cristo sempre foram diferentes do mundo que os cercava — uma nação santa, um povo peculiar. E você tem de ser assim, se deseja ser salvo!”

Você pode argumentar que a este custo poucos serão salvos. Eu respondo: “Eu sei disso. É exatamente sobre isso que nos fala o Sermão do Monte. O Senhor Jesus disse, há

— ■ —

No cristianismo acontece o mesmo que ocorre em outros aspectos da vida: sem perdas, não há ganhos. Aquilo que não nos custa nada também não vale nada.

— ■ —

muitos séculos atrás: “Estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.14). Poucos serão salvos, porque poucos se dedicarão ao trabalho de buscar a salvação. Os homens não renunciarão aos prazeres do pecado, nem aos seus próprios caminhos, por um momento sequer.

Você pode argumentar que estas são palavras severas demais; o caminho é muito estreito. Eu respondo: “Eu sei disso; o Sermão do Monte o disse”. O Senhor Jesus o afirmou há muitos séculos atrás. Ele sempre disse que os homens tinham de tomar a sua cruz diariamente e mostrarem-se dispostos a cortarem suas mãos e seus pés, se quisessem ser discípulos dEle. No cristianismo acontece o mesmo que ocorre em outros aspec-

tos da vida: sem perdas, não há ganhos. Aquilo que não nos custa nada também não vale nada.

Nesta época moderna, de uma crença fácil, igrejas e evangelistas estão proclamando que não há nenhum custo em ser um verdadeiro cristão e que, se você já “aceitou a Jesus, como seu Salvador pessoal”, você está salvo, não importando qual será a sua vida posteriormente. Você já pensou que sem santidade ninguém verá o Senhor? Isto não deixa qualquer espaço para o moderno conceito do “crente carnal”. Aquele que vive em um estilo de vida carnal irá para o inferno, não importa em que ele afirma crer. Você é santo?

“PARTO PARA UM DESCANSO PREPARADO”

“Eu parto, eu parto para um descanso preparado; meu sol já deu luz a muitos, mas agora ele está se pondo — não, para surgir no zênite da glória imortal... estes já viveram mais do que muitos na terra, porém não podem viver mais do que eu no céu. Muitos viverão mais do que eu na terra e viverão quando seu corpos não mais existirem, mas lá — Oh! esperança divina — eu estarei num mundo onde o tempo, as eras, a doença e a tristeza não serão conhecidas! Meu corpo já falha, mas meu espírito se expande. Quão disposto eu viveria para sempre a fim de pregar a Cristo. Mas eu morro para estar com Ele...”

(Citação do último sermão de George Whitefield, logo antes de sua morte).

O VERDADEIRO E O FALSO ARREPENDIMENTO

João Calvino

Visto que o apóstolo afirmou que o falso arrependimento não apazigua a Deus, surge a pergunta: como Acabe obteve o perdão e removeu o julgamento imposto sobre si? Se julgarmos pelos últimos atos de sua vida, ele parecia ter sido comovido apenas por algum temor repentino (1 Rs 21.28-29). Na verdade, Acabe vestiu-se de pano de saco, pôs cinzas sobre si mesmo e andava cabisbaixo (1 Rs 21.27); e, conforme dizem as Escrituras, ele humilhou-se diante de Deus. No entanto, rasgar as vestes, enquanto seu coração permanecia obstinado e mergulhado na malícia, significava pouco. Apesar disso, observamos como Deus exerceu misericórdia.

Eu respondo: os hipócritas, às vezes, são poupados por um pouco. A ira de Deus, porém, sempre permanece sobre eles. Isto acontece mais por causa do exemplo que eles se tornarão para outros do que pelo bem deles mesmos. Ainda que Acabe teve sua punição mitigada, que proveito

isso lhe trouxe, visto que não sentiu qualquer benefício dessa mitigação, exceto enquanto estava vivo? Portanto, a maldição de Deus, embora secreta, havia se fixado sobre a residência de Acabe, que foi para a eterna condenação.

Este mesmo fato pode ser visto em Esaú, pois, embora ele tenha sofrido uma rejeição, uma bênção temporal foi assegurada às suas lágrimas (Gn 27.40). No entanto, visto que a herança espiritual resultante da profecia divina poderia ser possuída por apenas um dos irmãos, quando Esaú foi deixado de lado e Jacó, escolhido, a rejeição de Esaú como herdeiro excluiu a misericórdia de Deus. Mas a consolação de Jacó — fartar-se da exuberância da terra e do orvalho do céu (Gn 27.28) — fez Esaú tornar-se um homem selvagem.

Isto que acabei de afirmar tem de ser aplicado como exemplo para outras pessoas, a fim de que aprendamos mais rapidamente a dedicar nossas mentes e nossos esforços em

favor do arrependimento verdadeiro; pois não pode haver dúvida de que, quando somos verdadeira e sinceramente convertidos, Deus, que estende sua misericórdia sobre os indignos (quando estes manifestam insatisfação com seu próprio “eu”), nos perdoará prontamente. Deste modo, também somos ensinados que julgamento terrível está acumulado para todos os obstinados, que, com descarada altivez e um coração petrificado, se divertem em desprezar e reduzir a nada as ameaças de Deus. Assim mesmo, Deus freqüentemente estendia sua mão aos filhos de Israel, para livrá-los de sua calamidade, embora os seus clamores fossem fingidos e seus corações, enganosos e falsos (cf. Sl 78.36-37); pois Deus mesmo reclamou, neste salmo, que

eles sem demora reverteram o seu próprio caráter (v. 57). Porém, apesar disso, Deus, por meio de gentileza amável, quis trazê-los à conversão sincera e torná-los sem culpa. Ao suspender a punição por um tempo, Deus não fica obrigado por uma lei perpétua. Ao contrário, às vezes, Ele levanta o castigo ainda com mais severidade contra os hipócritas e duvidosos, para demonstrar quanto Lhe desagrada a presunção deles. Mas, conforme já dissemos, Deus apresenta alguns exemplos de sua prontidão em perdoar, e, mediante este perdão, os ímpios podem ser encorajados a restaurar suas vidas; enquanto o orgulho daqueles que obstinadamente Lhe resistem pode ser severamente condenado.

AS PESSOAS ESTÃO FAMINTAS PELAS GRANDEZAS DE DEUS

John Piper

Muitas destas pessoas não admitirão este diagnóstico em suas vidas atribuladas. A majestade de Deus é um remédio desconhecido. Existem excessivas receitas populares no mercado, mas o benefício de qualquer outro remédio é superficial e momentâneo. A pregação que não tem o aroma da majestade de Deus pode entreter-nos por um tempo, porém não satisfará o secreto clamor de nossas almas: “Mostra-me a tua glória”.

Estou persuadido de que a visão da grandeza de Deus é o segredo da vida da igreja, tanto no ministério pastoral quanto na expansão missionária. Nosso povo precisa ouvir mensagens que o deixem maravilhado quanto à pessoa de Deus. Carecem de alguém que, pelo menos uma vez por semana, levante a sua voz e magnifique a supremacia de Deus.

*(A Supremacia de Deus na Pregação,
Grand Rapids, Baker Books, 1990, pp. 9,11.)*

THOMAS WATSON

(1620-1686)

Gilson Santos

Nascido em 1620, Thomas Watson estudou em Cambridge (Inglaterra), onde se destacou por sua notável seriedade nos estudos. Em 1646, iniciou um pastorado de dezesseis anos em Londres. Neste ministério ele combinou considerável erudição com pregação popular. Em 1651, foi aprisionado com alguns outros ministros evangélicos, tendo sido liberto em 30 de junho de 1652 e reintegrado formalmente ao púlpito de sua igreja. Obteve grande fama e popularidade como pregador até à *Restauração*, quando, em decorrência do *Ato de Uniformidade* de 1662, foi expulso da igreja por causa de seu não-conformismo. Um biógrafo diz que “foi um evento irônico, porque Watson continuara sendo monarquista durante a República de Cromwell e seu filho passara algum tempo na cadeia por causa disso e fora ativo na restauração da monarquia em 1660”.

Apesar do rigor das leis contra os dissidentes, Watson continuou a exercer seu ministério particularmente, quando encontrava oportunidade. Com a *Declaração de Indulgência*, ele obteve uma licença para pregar, o que fez por diversos anos, ministrando juntamente com Stephen Charnock. Quando sua saúde decaiu, retirou-se para Barnston, em Essex, onde morreu repentinamente, enquanto orava em secreto. Foi sepultado em 28 de julho de 1686.

Sua profunda espiritualidade, suas observações cativantes, suas ilustrações práticas e sua beleza de expressão o tornam um dos mais eminentes e irresistíveis puritanos. Ele é lembrado principalmente pelo seu *Body of Pratical Divinity* (Compêndio de Teologia Prática), publicado postumamente em 1692. Esta obra, composta de 176 sermões, ainda era muito estimada especialmente entre o povo comum no século XIX, provavelmente por causa da sua apresentação lúcida e sucinta do assunto. Spurgeon, embora discordasse de Watson na questão do batismo infantil, descreve sua obra como “um conjunto oportuno de sã doutrina, experiência que sonda o coração e sabedoria prática”. O que temos a seguir é um pequeno resumo de um dos seus mais conhecidos sermões.

O CÉU TOMADO POR ESFORÇO

Thomas Watson

*“Desde os dias de João Batista até agora,
se faz violência ao reino dos céus,
e pela força se apoderam dele.”*

(Mateus 11.12 - ARC)

João Batista, estando no cárcere, ao ouvir a fama de Jesus, enviou-Lhe dois de seus discípulos com a seguinte pergunta: “És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?” (Mt 11.3) Ao contrário do que Tertuliano imaginava, João Batista conhecia Jesus como o verdadeiro Messias, pois isto lhe havia sido confirmado tanto pela descida do Espírito de Deus quanto pelo sinal vindo do céu (Jo 1.33). Mas nesta ocasião João Batista se esforçou para corrigir a ignorância de seus próprios discípulos que tinham mais respeito por ele do que por Jesus.

Cristo responde esta pergunta, com as seguintes palavras: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados...” (Mt 11.4-5). Jesus demonstrou que

Ele mesmo era o Messias, citando os milagres que eram provas genuínas e visíveis de sua divindade. Logo que os discípulos de João partiram, o Senhor Jesus começou a proferir um sublime elogio e recomendação a respeito de João Batista: “Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?” (Mt 11.7) Era como se Cristo estivesse dizendo que João Batista não era um homem inconstante, cuja mente flutuava e oscilava (como um caniço agitado pelo vento) de uma opinião para outra. Não era *um Rúben, inconstante como a água*; era uma pessoa resoluta e determinada nas coisas espirituais. Mesmo a prisão não produziu qualquer mudança nele.

“Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas?” (Mt 11.8) João Batista não satisfez seus

sentimentos naturais. Ele não vestia roupas finas, e sim peles de camelos. Tampouco desejou viver no palácio, e sim em um deserto (Mt 3.3,4).

Cristo também elogiou João Batista como seu precursor, que preparou o caminho diante dEle (Mt 11.10). Ele era a estrela da manhã que precedeu o Sol da Justiça. Cristo honrou com suficiência a João Batista, não somente ao equipará-lo, mas especialmente ao colocá-lo acima

dos principais profetas — “Para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta” (Mt 11.9); “Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista” (Mt 11.11). Ele era eminente tanto em dignidade de ofício quanto em perspicácia na doutrina. E, logo em seguida, foram proferidas as palavras de nosso texto inicial: *“Desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele”* (Mt 11.12 - ARC).

Nestas palavras, consta um prefácio ou introdução: *“Desde os dias de João Batista até agora”*. João Batista era um pregador zeloso, um Boanerges, filho do trovão. E, após sua pregação, as pessoas começaram a ser despertadas de seus pecados.

Este fato nos ensina que tipo de ministério é aquele que promoverá o maior bem — o ministério que atinge as consciências dos homens. João Batista levantou sua voz como uma trombeta; pregou com poder a dou-

trina do arrependimento — “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 3.2). Ele apareceu lançando o machado à raiz, denunciando os pecados dos homens, e, em seguida, proclamou-lhes Cristo. Primeiramente, ele passou

o vinagre da lei e, em seguida, o vinho do evangelho. Esta foi a pregação que fez os homens procurarem com diligência os céus. João não pregava para agradar, e sim para abençoar. Ao invés

de mostrar sua própria eloquência, ele preferiu revelar os pecados dos homens. O melhor espelho não é aquele que está mais iluminado, e sim aquele que mostra a verdadeira face da pessoa. A pregação que tem de ser preferida é aquela que manifesta com mais genuinidade os pecados dos homens e lhes revela seus próprios corações. João Batista era *uma lâmpada que ardia e iluminava*; ele ardia em sua doutrina e iluminava em sua vida. Por essa razão, os homens sentiam-se compelidos a procurar o reino dos céus. O apóstolo Pedro, que teve um abundante espírito de zelo, levou seus ouvintes a humilharem seus corações, por causa de seus pecados, e abriu-lhes uma fonte de salvação no sangue de Cristo. Eles foram compungidos em seus corações (At 2.37). Desfrutar de um ministério que perscruta a alma é a maior das misericórdias. Se uma pessoa estivesse com uma enfermidade crônica, desejaria que ela fosse examinada completamente. Que pessoas não ficariam contentes em ter

—■—
*Desfrutar de um
 ministério que
 perscruta a alma
 é a maior das
 misericórdias.*
 —■—

suas almas perscrutadas, a ponto de serem salvas?

Nestas palavras, consta também o assunto do texto bíblico: “*Se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele*”.

O que significa a expressão “o reino dos céus”? Tal como Erasmo, alguns a interpretam como a doutrina do evangelho que revela Cristo e o céu. No entanto, eu a entendo no sentido de “glória”, assim como a interpretavam o erudito Beza e outros.

Ao reino dos céus “*se faz violência*”. A expressão é uma metáfora de uma cidade ou um castelo envolvidos em uma guerra e que não podem ser conquistados de modo algum, exceto se forem tomados de assalto. De modo semelhante, o reino dos céus não será tomado sem violência — “*pela força se apoderam dele*”.

A terra será herdada pelos *manos* (Mt 5.5); o céu, pelos *que batalham*. A vida cristã é semelhante à vida militar. Cristo é nosso Capitão; o evangelho, nossa bandeira; as graças do Espírito, nossa artilharia espiritual. E o céu somente pode ser conquistado por meio da força.

Essa afirmativa tem dois aspectos: 1. O combate — “*se faz violência*”; 2. A conquista — “*pela força se apoderam dele*”. *A maneira correta de apoderar-se do céu é tomá-lo de assalto; ou seja, ninguém vai ao céu, exceto os que batalham por ele.*

A violência tem duplo aspecto.

1. Refere-se aos *homens em posição de autoridade*; eles têm de ser violentos:

1.1. *Para punir a culpado.* Quando o *Urim* e o *Tumim* de Arão

não produzem qualquer benefício aos homens, então, Moisés tem de intervir utilizando seu *cajado*. Os ímpios são os indivíduos maus e dissolutos da sociedade que, por meio do cuidado da magistratura, precisam ser erradicados. Deus instituiu as autoridades para “castigo dos malfeitores” (1 Pe 2.14). Elas não devem comportar-se como o peixe-espada, que tem uma espada em sua cabeça, porém não tem sensibilidade. Os magistrados não devem ter uma espada em sua mão, se não têm nenhuma sensibilidade para sacá-la com o propósito de extirpar a impiedade.

A convivência do magistrado fomenta o pecado e, por não punir os malfeitores, o magistrado adota o erro de outros homens, tornando-os seus. A magistratura sem zelo é como o corpo sem o espírito. Excessiva indulgência estimula o pecado e afaga o rosto daquele que merece punição.

1.2. *Em defender o inocente.* O magistrado é o abrigo e o altar de refúgio onde o oprimido pode refugiar-se. Charles, o Duque da Calábria, amava tanto o fazer a justiça, que pendurou um sino no portão de seu palácio; e, sempre que alguém o balançasse, era imediatamente admitido à presença do duque ou algum de seus magistrados era enviado para ouvir a causa daquela pessoa. Aristides era famoso por sua justiça; os historiadores dizem que ele jamais favoreceria a causa de alguém, porque era seu amigo, ou faria injustiça a alguma pessoa por ser seu inimigo. A balança do magistrado é o escudo do homem oprimido.

2. A violência também se refere

aos crentes. Embora o céu nos seja dado gratuitamente, temos de lutar por ele. “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Ec 9.10). Nossa tarefa é imensa; nosso tempo, curto; nosso Senhor, urgente. Por conseguinte, temos de reunir todas as forças de nossa alma e lutar, como se estivéssemos em uma questão de vida ou morte, para que alcancemos o reino celestial. Devemos manifestar não apenas diligência mas também violência. A fim de ilustrar e esclarecer esta proposição, mostrarei:

2.1. O que não significa “violência” nesta passagem bíblica. A violência nesta passagem exclui:

a) *Uma violência sem entendimento*, ser violento por aquilo que não entendemos. “Passando e observando os objetos de vosso culto, encontro também um altar no qual está inscrito: Ao Deus Desconhecido” (At 17.23) — estes atenienses eram violentos em suas devoções; no entanto, poderia ser dito a respeito deles aquilo que Cristo declarou à mulher samaritana: “Vós adorais o que não conheceis” (Jo 4.22). Os católicos também são violentos em sua religião; isso é testemunhado por suas penitências, seus jejuns e sua atitude de dilacerarem a si mesmos, a ponto de derramarem sangue. No entanto, este é um zelo sem entendimento. O esforço deles é maior do que sua percepção espiritual. Quando Arão tinha de queimar incenso sobre o altar, deveria antes acender as lâmpadas do tabernáculo (Êx 25.7). Quando um zelo semelhante ao incenso arde em

alguém, a lâmpada do conhecimento tem de estar acesa.

b) *Exclui a violência física*, que se manifesta em duas atitudes: primeiramente, quando uma pessoa chega ao ponto de impor severa aflição física sobre si mesma. O corpo é a habitação terrena em que Deus colocou nossa alma. Não podemos destruir esta habitação; temos de permanecer nela até que Deus, através da morte, nos faça deixá-la. O sentinela não deve abandonar seu posto sem a ordem de seu capitão; tampouco, devemos ter a ousadia de partir deste mundo sem a permissão de Deus. Nossos corpos são o templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). Quando causamos aflição física ao nosso corpo, destruímos o templo de Deus. A lâmpada da vida deve queimar enquanto houver qualquer vigor natural, como o óleo, para alimentá-la.

Em segundo, quando alguém tira a vida de outrem. Existe muito deste tipo de violência em nossos dias. Nenhum outro pecado fala tão alto quanto este. “A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim” (Gn 4.10). Se existe maldição para aquele que fere “o seu próximo em oculto” (Dt 27.24), deve ser duplamente amaldiçoado aquele que o mata. Se um homem matasse involuntariamente outro ser humano, poderia entrar no santuário e refugiar-se no altar. No entanto, se ele o fizesse voluntariamente, a santidade do lugar não deveria lhe servir de proteção. “Se alguém vier maliciosamente contra o próximo, matando-o à traição, tirá-lo-ás até mesmo do meu altar, para que morra” (Êx 21.14). O rei Salomão mandou pro-

curar Joabe (que era homem de sangue), para que o matassem, ainda que ele estava segurando as pontas do altar no templo (2 Rs 8.29). Antigamente, na Boêmia, o assassino tinha de ser decapitado e colocado no mesmo caixão em que estava o cadáver da pessoa que ele havia matado. Assim, vemos que tipo de violência o texto bíblico exclui.

2.2. O que significa “violência” nestas palavras de Jesus. Há um duplo significado.

a) Temos de ser violentos *em favor da verdade*. Citamos aqui a pergunta de Pilatos: “O que é a verdade?” A verdade é a bendita Palavra de Deus, chamada a *Palavra da Verdade*, ou seja, as doutrinas que deduzimos da Palavra e com ela concordam, assim como a fotocópia corresponde exatamente ao original. Algumas destas doutrinas são a da Trindade, a da criação, a da graça gratuita, a da justificação pelo sangue de Cristo, a da regeneração, a da ressurreição dos mortos e a da vida na glória. Em favor destas verdades, temos de ser violentos, o que significa sermos advogados ou mártires delas.

A verdade é algo glorioso. A menor pepita deste ouro é preciosíssima. Em favor do que devemos nos mostrar violentos, senão em favor da verdade? A verdade é antiga; seus cabelos brancos a tornam venerável. Ela procede dAquele que é o

Ancião de Dias. A verdade é inerente; é a estrela que nos guia a Cristo. A verdade é pura (Sl 119.140). É comparada ao ouro refinado sete vezes (Sl 12.6). Não existe qualquer mácula na verdade; ela exala somente a santidade. A verdade é triunfante, como um grande conquistador; quando todos os seus inimigos jazem mortos, ela permanece no campo de batalha e ergue seu troféu de vitória. A verdade pode sofrer oposição, mas nunca será deposta. No tempo de Deocleciano, as coisas pareciam desesperadas, e a verdade estava em baixa. Logo em seguida vieram os anos dourados de Constantino; nessa ocasião, a verdade ergueu novamente sua cabeça. Quando as águas do rio Tâmisia estão em seu nível mais baixo, uma maré alta está prestes a surgir. Deus está ao lado da verdade, e, mesmo que não haja temor, ela prevalecerá. “Os céus, incendiados, serão desfeitos” (2 Pe 3.12), mas isso não acontecerá à verdade que vem dos céus (1 Pe 1.25).

A verdade tem efeitos nobres. É a *semente do novo nascimento*. Deus não nos regenera através de milagres e de revelações, e sim por meio da verdade (Tg 1.18). Assim como a verdade produz a graça divina no coração, assim também ela nutre esta graça (1 Tm 4.6). A verdade santifica — “*Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade*” (Jo 17.17). A verdade é o selo que imprime em nós a marca de sua própria santidade. Ela

— ■ —
*Se retirarmos a
 verdade, a nossa fé
 é simplesmente
 fantasia.*
 — ■ —

é o *espelho* e o *lavatório*: um espelho que nos mostra as culpas e um lavatório onde podemos removê-las. A verdade nos *liberta* (Jo 18.32). Ela destroça as algemas do pecado e nos coloca na posição de filhos de Deus (Rm 8.11) e de reis (Ap 1.6). A verdade produz conforto, é um vinho que revigora. Quando a harpa e a lira de Davi não lhe puderam trazer consolo, a verdade o trouxe — “O que me consola na minha angústia é isto: que a tua palavra me vivifica” (Sl 109.50). A verdade é um *antídoto contra o erro*. O erro é o adultério da mente; envenena a alma, assim como o álcool polui o sangue. O erro condena tanto quanto o faz qualquer outro pecado. Uma pessoa tanto pode morrer por meio de assassinato, como por meio de envenenamento, mas que outra coisa pode aniquilar o erro, senão a verdade? O motivo por que muitos têm sido iludidos pelo erro é este: ou não conhecem, ou não amam a verdade. Não posso dizer o suficiente para honrar a verdade. *A verdade é o fundamento fiel*, o alicerce de nossa fé. A verdade é um modelo correto do verdadeiro cristianismo, mostrando-nos em que devemos crer. Se retirarmos a verdade, a nossa fé é simplesmente fantasia. A verdade é *o melhor diamante na coroa da igreja*. Não temos uma jóia mais preciosa do que nossas almas, para a confiar-

— ■ —

A verdade é triunfante, como um grande conquistador; quando todos os seus inimigos jazem mortos, ela permanece no campo de batalha e ergue seu troféu de vitória.

— ■ —

mos a Deus; e Ele não tem jóia mais preciosa do que suas verdades, para confiar a nós. A verdade é *a insígnia de honra*; ela nos distingue da falsa igreja, assim como a pureza distingue uma mulher virtuosa de uma prostituta. Em resumo, a verdade é o baluarte da Igreja, que é, a fortaleza de uma nação (2 Cr 11.17). As

Escrituras afirmam que os levitas (que eram os porta-bandeiras da verdade) *fortaleceram o reino*. A verdade pode ser comparada ao Capitólio de Roma, que era o lugar de maior força, ou à Torre de Davi, em que “mil escudos” pendiam dela (Ct 4.4). Nossas fortalezas e navios não nos fortalecem tanto quanto a verda-

de. A verdade é o melhor arsenal bélico de um reino. Se abandonamos a verdade e desposamos o papismo, esvai-se toda a nossa fortaleza. Se não formos violentos em favor da verdade, em favor do que deveremos ser? Somos ordenados a batalhar, como se estivéssemos em agonia, “pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 1.3). Se a verdade for retirada de um povo evangélico, podemos escrever em seu epitáfio: “*Foi-se a tua glória*”.

b) Esta violência santa também se manifesta quando nos mostramos violentos *em favor de nossa salvação* — “Procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa voca-

ção e eleição” (2 Pe 1.10). A palavra grega significa “cuidado zeloso”, ou seja, nutrir sérios pensamentos a respeito dos assuntos da eternidade; um cuidado que nos leva a colocar nossa mente e coração em atividade. Nesta vereda do cristianismo, todo crente zeloso deve andar.

O que está implícito nesta violência santa? Três coisas: 1. Resolução da vontade; 2. Vigor de afeições; 3. Intensidade de esforço.

(i) *Resolução da vontade*. “Jurei e confirmei o juramento de guardar os teus retos juízos” (Sl 119.106). Qualquer coisa que esteja no caminho que conduz ao céu (ainda que seja um leão), eu a enfrentarei à semelhança de um comandante resoluto que encarrega de uma missão todo o seu grupamento militar. Não importa o que venha a acontecer, o crente está decidido a possuir o céu. Onde houver este tipo de determinação, os perigos serão desprezados, as dificuldades, sobrepujadas, e os temores, menosprezados. Esta é a primeira atitude crucial na violência santa: resolução da vontade. Eu terei o céu, não importando o que possa me custar. Esta resolução tem de existir no poder de Cristo.

A resolução é como o impulso de uma bola de boliche que a leva velozmente para frente. A pessoa que manifestar pouca resolução, pouca vontade de ser salva e um pouco de determinação em continuar seguindo o pecado, é impossível que ela seja violenta em favor de obter o céu. Se um viajante não for resoluto, algumas vezes ele seguirá este caminho,

outras vezes, aquele; ele não será violento em favor de coisa alguma.

(ii) *Vigor de afeições*. A vontade estende-se sobre o raciocínio. Se a razão estiver inteirada sobre a excelência do estado de glória e a vontade estiver resoluto em seguir na jornada para aquele lugar santo, as afeições as acompanharão e arderão em intensos anelos pelo céu. As afeições são coisas violentas — “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42.2). Os rabinos afirmam que, nesta passagem, Davi não disse “minha alma tem fome” e sim “tem sede”, porque naturalmente somos mais impacientes quando estamos com sede do que ao sentirmos fome. Devemos perceber quão rápida e violentamente as afeições de Davi moveram-se em direção a Deus. As afeições são como as asas de um pássaro que fazem a alma voar em busca da glória. Onde as afeições da alma forem estimuladas, haverá um impulso violento em direção ao céu.

(iii) Esta violência também implica em *intensidade de esforço*, quando nos esforçamos pela salvação, como se esta fosse uma questão de vida ou morte. É fácil falar sobre o céu, mas não é fácil alcançá-lo. Temos de, com todo cuidado, exercer todas as nossas forças e suplicar a ajuda de Deus para esta obra.

Uma última questão a ser respondida trata-se das quatro maneiras como o crente tem de demonstrar esta violência, ou seja:

- em relação a si mesmo;
- em relação ao mundo;
- em relação a Satanás
- e em relação aos céus.

A BATALHA DO CRISTÃO

John Bunyan

Intérprete levou Cristão até à porta do palácio, onde estavam quatro homens vigorosos vestidos de armadura. Eis que à porta havia um grande grupo de pessoas, como se estivessem desejosas de entrar, mas não ousavam com medo dos homens armados. Havia também, assentado diante de uma mesa, à pequena distância da porta, um homem com um livro e seu tinteiro à frente, para escrever o nome daquele que ali entrasse. Cristão viu também que à porta estavam aqueles homens armados para vigiá-la, decididos a causar dano e mal à pessoa que desejasse entrar. Agora, Cristão ficou um tanto confuso. Finalmente, quando todas as pessoas desejosas de entrar começaram a se afastar por medo dos homens armados, Cristão viu que um homem de semblante forte aproximou-se daquele que estava assentado para escrever, dizendo: “Escreva o meu nome, Senhor”. Tendo feito isso, o homem puxou sua espada, pôs um capacete na cabeça e correu em direção à porta, avançando contra os homens armados, que o atacaram com força mortal. Mas o homem, em nada desanimando, pôs-se a ferir e a atacar ferozmente. Depois de ter recebido e causado muitos ferimentos naqueles que tentaram impedi-lo, passou entre todos eles e conquistou sua entrada no palácio. Com isso, houve uma voz agradável da parte daqueles que estavam dentro e daqueles que caminhavam no alto do palácio, dizendo: “Entra aqui, entra em paz; a glória eterna ganharás”.

Assim, ele entrou e foi trajado com vestes semelhantes às que eles vestiam. Cristão sorriu e afirmou: “Acho que agora verdadeiramente sei o significado da batalha”.

(Trechos da alegoria *O Peregrino*.)

O chamado ao compromisso cristão não é basicamente um chamado para a felicidade, e sim um chamado às dificuldades.

John Blanchard

O PERIGO DE TORNAR-SE FATIGADO NA BATALHA

Maurice Roberts

Não há entre nós falta de evidências de que os bons crentes estão sofrendo de algum tipo de fadiga espiritual. Em nossa comunhão cristã, raramente o ferro afia o ferro. Muito da pregação ortodoxa carece daquele tom de convicção necessário para incuti-la nas consciências dos pecadores. Uma mansidão culposa abafa o nosso zelo. As orações dos crentes são previsíveis e monótonas. O fogo apostólico perdeu a vitalidade e parece estar se apagando. O evangelho, mesmo onde ele é realmente pregado, está vestido com as ameaçadoras roupas da polidez excessiva e da respeitabilidade. Frequentemente, nossos sermões não passam de uma homilia gentil ou uma conversa tranqüila a respeito de bons conceitos religiosos. Lenta e imperceptivelmente, os evangélicos estão se conformando, em suas emoções e em seu intelecto, com o espírito desta época. Embora não devêssemos

nos importar com o falar desta maneira, traímos nosso desespero íntimo de ver um avivamento ou mesmo uma reversão da tendência presente em direção ao declínio.

Esta fadiga de alma não é difícil de ser explicada. Um profundo desamparamento tem paralisado muitos crentes em nossos dias. Muitos dos ouvintes e dos pregadores estão desanimados. A recuperação, em alguns anos atrás, das doutrinas da ortodoxia genuína, ainda não foi conjugada com uma restauração do poder espiritual ou da influência na sociedade. O mundo ignora muitas igrejas excelentes, fazendo-o com tanto desinteresse, em nossos dias, como o fazia quando o liberalismo teológico reinava entre elas e antes que um novo ministério fundamentado nas Escrituras tivesse começado nelas. Pregadores que deveriam ser ouvidos por multidões têm se contentado com menos do que cinquenta ouvintes.

PROCURAM-SE HOMENS FRACOS

L. E. Maxwell

*“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos...
diz o Senhor.”*

Isaías 55.8

Por todos os lados cerca-nos um mundo de poder — poder intelectual, poder atômico, poder comercial, poder político, poder incompreensível — não todo-poderosos, mas bastante assustadores.

Em contraste com esta época de poder, vemos a Igreja professa estupefata, a sofrer de uma paralisia motivada pela consciência de sua própria inaptidão, por não possuir o que “é preciso” para confrontar tal mundo. A menos que a Igreja sinta os recursos divinos — recursos invisíveis, não explorados e ilimitados — ficará tentada a apelar para quaisquer meios, corretos, mas carnavais ou insensatos, para conquistar a atenção do mundo.

Em face da exibição de poder e grandeza por parte do mundo, a Igreja é pressionada a substituir a qualidade pela quantidade; a substituir

o Espírito Santo pela organização; a substituir a graça de Deus pelos diplomas; a substituir o poder espiritual pelo prestígio; a substituir o fogo de Deus pelo fogo fátuo.

Numa época em que se adora cada vez mais o poder, precisamos retornar ao grande princípio-mestre da “loucura de Deus” — os métodos de Deus que parecem ridículos — “que é mais sábia que os homens”; e da “fraqueza de Deus” — planos e operações que parecem inadequados — “que é mais forte que os homens”.

Pregamos a Cristo crucificado, o Cristo que foi “crucificado em fraqueza”. Não obstante, tememos dizer do mesmo modo que Paulo declarou: “Porque nós também somos fracos nele” (2 Co 13.4). Por essa mesma razão, não podemos adicionar como fez o apóstolo: “Mas viveremos com ele para vós outros pelo poder de